

O PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM: VELHOS PROBLEMAS, NOVOS DESAFIOS

Aparecida Favoretto, Ivete Janice de Oliveira Brotto, e-mail: e-mail:

cidafavoreto@globo.com

Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – Cascavel – PR

Palavras-chave: ensino, aprendizagem e sociedade

Resumo:

Este texto tematiza acerca do ensino e da aprendizagem em aspecto amplo, compreendido no sentido de que a relação professor e aluno insere-se no conjunto de concepções sobre a relação entre conhecimento universitário e contexto sócio-histórico. Esses elementos, pensados no conjunto da grade curricular de cada curso, traduzem-se no embate entre profissional ideal e aluno universitário real. Destaca a distinção existente entre a tarefa de ensinar e a relação de ensino. A tarefa de ensinar que é imposta pela nossa sociedade pressupõe um professor que transmite conhecimento em um sentido unilateral. Já na relação de ensino, o professor é o mediador entre conhecimento, aluno e sociedade. Desse modo, o professor que detém o conhecimento só constrói o processo de ensino no de aprendizagem. E esta aprendizagem só é aprendizagem, de fato, se o aluno compreender o significado social do conhecimento. Assim, no processo de ensino e aprendizagem, o nível de conhecimento em que o aluno se encontra, mesmo que precário, não pode ser desconsiderado pelo professor. Inclusive, este é o ponto de partida. Desta forma, existe um campo a ser explorado entre a bagagem cultural do aluno e o conhecimento formal acumulado. Este campo é exatamente o espaço de atuação entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem. Neste campo, o professor como mediador possibilita ao aluno a compreensão do processo de construção do conhecimento e não se limita à transmissão de um conteúdo pronto e acabado. O professor mediador permite ao aluno a condição de apropriação de um conhecimento de tal modo que, posteriormente, o aluno possa ser capaz de utilizá-lo, revê-lo, ampliá-lo, em situações diversas, de forma autônoma e sem o auxílio do docente.

Introdução

A temática “ensino e aprendizagem”, quando discutida como processo, exige uma reflexão para além dos aspectos formais. Neste sentido, o plano de ensino com o qual cada professor no início do ano letivo depara-se, apesar de carregar em si um caráter burocrático, na verdade, expressa um movimento muito mais amplo do que aquele que gira em torno de debates ou discussões sobre a normatização da educação.

O plano de ensino, apesar de, imediatamente, poder ser confundido como uma etapa da burocratização, ele representa muito mais que isso. O plano de ensino elenca um conjunto de elementos: ementa, objetivos, conteúdo programático, metodologia e avaliação, mas também direciona e organiza a distribuição pedagógica do conhecimento a ser desenvolvido em determinada disciplina. Todos esses elementos, no conjunto com a grade curricular de cada curso, apontam qual é o profissional que queremos formar, que conhecimentos deve dominar e também como deverá se utilizar do conhecimento acumulado para sua ação social: profissional e pessoal.

Quando nos referimos ao profissional que queremos formar, na verdade, estamos interrogando sobre como ele pensa a sua ação profissional em relação ao Outro. Por exemplo: um engenheiro no planejamento de uma construção deve dominar uma série de conhecimentos sobre a estrutura de sua construção, mas para além destes, deve também pensar a sua construção em relação à concorrência comercial. Nesse caso, este profissional não pode ignorar quais são suas possibilidades de negócios. Possibilidades estas que, muitas vezes, na relação custo e benefício, incluem a capacidade aquisitiva que seus clientes querem ostentar. Desse modo, a construção tem que oferecer ao cliente o máximo de conforto, funcionalidade e uma bonita fachada com o menor custo possível. Na corrida por melhores mercados, nos grandes centros, é comum verificarmos construtoras utilizando ao máximo o terreno disponível, construindo uma grande laje de cimento. Nessa atitude, pouco ou quase nada se deixa de terreno livre para que possa ocorrer a alimentação do lençol d'água, necessário para não desaparecerem os lagos naturais ou, para diminuir a frequência com que tem ocorrido enchentes nos grandes centros. Ou seja, entre aumentar ao máximo o espaço privado/útil e priorizar o benefício social, busca-se a satisfação individual. A responsabilidade com o meio ambiente, com a questão social e com o custo econômico que eles representam, ninguém assume.

Esse exemplo é uma pequena demonstração da complexidade e cuidado que um curso superior deve ter na formação de seus alunos. O plano de ensino expressa o desejo do curso e do professor. Entretanto, o plano de ensino, apesar de ser formulado e discutido por um conjunto de professores, não se concretiza em mão única. O ensino só se realiza na aprendizagem do aluno, o que pressupõe uma relação constante entre o ato de ensinar e o ato de aprender.

O aluno não é um ser passivo, estático, que corresponda ao ideal que o professor pensou ao traçar seu plano de ensino. Ao contrário, o aluno é constituído por limites e bagagens reflexivas que podem estar distantes daquele sujeito idealizado pelo professor. O aluno real é constituído de sentimentos, juízos de valor, experiências, e estes, por sua vez, estão situados em uma sociedade historicamente construída.

Desse modo, há que se considerar quem é o aluno atual e a sociedade na qual está localizado, inclusive deve-se considerar a complexidade ideológica, produtiva e as contradições ambientais, sociais e culturais presentes nesta mesma sociedade.

Atualmente, relatos de professores destacam que a maioria dos alunos chega à universidade com uma formação inicial precária, não domina os conhecimentos de cálculo, de interpretação de textos, não escreve com ordenação e progressão temática e não apresenta disciplina para aulas teóricas. Entretanto, por mais que possamos tecer críticas a estes alunos, não podemos ignorar que eles são frutos da sociedade em que vivem. Eles são jovens que interagem pelo MSN, pelo *orkut* e não mais por longas cartas. Eles são os alunos que lêem mensagens ideográficas, instantâneas e ultra-aceleradas. Convivem com produtos efêmeros, descartáveis, marcados por modismos próprios de uma sociedade consumista. Esta é uma realidade no processo de ensino atual. Mas, isso não significa que este aluno não possa apreender a complexidade científica de sua formação. Assim, por mais que possamos estranhar a existência de uma grande quantidade de alunos despreparados para freqüentar os laboratórios de ensino e cumprir as exigências de leituras e reflexões que a formação acadêmica exige, estas são as características predominantes no aluno atual. Diante de tal constatação, o que fazer? Por meio do instrumento avaliação deveríamos eliminar os incapacitados? Ou, ao contrário, deveríamos baixar o nível de exigência e deixar que a sociedade selecione seus profissionais? Teria a sociedade capitalista melhores critérios de avaliação do que o professor universitário?

Qualquer resposta apressada que se dê às questões acima, corre-se o risco de simplificar o problema. De forma segura, podemos afirmar que a universidade tem um compromisso com a sociedade, que, para além do desenvolvimento da pesquisa de ponta, deve formar os futuros profissionais. Nesse sentido, devemos levar em consideração os que não tiveram acesso ao ensino universitário, mas que nem por isso deixaram de pagar a conta. Assim, mais que cobradores de honorários, necessitamos formar um quadro de profissionais competentes e comprometidos com todos os elementos sociais.

O processo de ensino e aprendizagem firma-se em um tripé, no qual aluno, professor e contexto sócio-histórico, apesar de serem/terem campos e compromissos diferentes neste processo, não possuem um limite exato de onde começa ou termina a influência e a atuação de cada um sobre o outro.

Ao falarmos da relação professor e aluno no ensino universitário, necessitamos considerar o aluno em todas as suas nuances. Caso contrário, a não consideração de estarmos em sala de aula com alunos reais pode levar-nos ao engodo de que estamos “ensinando”. Na verdade, estamos tão somente imbuídos da tarefa de ensinar. Uma tarefa instituída socialmente que cria a ilusão de que ensinamos e o Outro aprende.

Nesse aspecto, grifamos que existe uma distinção entre a tarefa de ensinar e a relação de ensino. A tarefa de ensinar, imposta pela nossa sociedade, pressupõe um professor que transmite conhecimento em um sentido unilateral. Nesta perspectiva de ensino, cada professor, por meio de aulas expositivas, transmite uma série de fórmulas, teorias e informações diversas, as quais reafirmam o desenvolvimento cognitivo baseado na cópia e na pura reprodução. Ao final de cada bimestre, o aluno deve ser capaz de

reproduzir parte considerável do conteúdo estipulado e seguir para a próxima etapa. Ao responder aos conteúdos exigidos em cada avaliação, não necessita estabelecer relações entre os conteúdos trabalhados em cada etapa, muito menos deve estabelecer relação entre o conteúdo escolar e a prática social. Nesse sentido, o professor, investido da tarefa de ensinar, apenas desenvolve a memorização de informações e o comportamento disciplinar, os quais são fundamentais para jovens que vão executar repetitivamente a mesma tarefa, sem compreender o sistema produtivo e a ciência incorporada nos produtos que consome e produz.

Em sentido oposto, na relação de ensino, o professor é o mediador entre conhecimento, aluno e sociedade. É nesta relação que entendemos o ensino e a aprendizagem como processo, o qual não é unilateral ou em sentido único. O professor, que detém o conhecimento, só constrói o processo de ensino no de aprendizagem. E esta aprendizagem só é aprendizagem de fato se o aluno compreender o significado social do conhecimento. Não basta reproduzir abstrações e teorias de forma compartimentada e estanque, é necessário estabelecer relações entre os conceitos, teorias e a vida produtiva e os valores sociais.

Se anuirmos que o ensino e a aprendizagem é um processo e que este ocorre em uma relação, temos elementos para compreender que o conhecimento do aluno, mesmo que precário, não pode ser desconsiderado pelo professor. Aliás, este é o ponto de partida. Dessa forma, existe um campo a ser explorado entre a bagagem cultural do aluno e o conhecimento formal acumulado. Este campo é exatamente o espaço de atuação entre professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem. Neste campo, o professor como mediador possibilita ao aluno a compreensão do processo de construção do conhecimento e não se limita à transmissão de um conteúdo pronto e acabado. O professor mediador permite ao aluno apropriar-se do conhecimento, de tal modo que, posteriormente, ele possa ser capaz de utilizá-lo, revê-lo, ampliá-lo, em situações diversas, de forma autônoma e sem auxílio do professor.

Essa afirmação se faz baseada na teoria do desenvolvimento proximal elaborada por Vigotski. Podemos dizer que o nível de conhecimento de que está constituído o aluno ao chegar na sala de aula é seu nível de desenvolvimento real. No entanto, nas diversas fases da vida humana existem ciclos de desenvolvimento que não estão completados e é justamente a mediação pelo Outro (adulto, grupos, instituições, etc.), na especificidade de nossa discussão, o professor, é que poderá desenvolver as potencialidades do aluno, propiciando-lhe os instrumentos para que este atinja um outro nível de desenvolvimento real. É desse modo que Vigotski conceitua a zona de desenvolvimento proximal (ZDP). Entre estes dois níveis (real e potencial), numa relação sempre dialética, é que o fazer docente auxilia no processo de maturidade intelectual, trabalhando com o objeto conhecimento.

O processo de ensino e aprendizagem, em todas as suas dimensões, compreendido na perspectiva assinalada por Vigotski, é dependente também de como se efetivam as interações pessoais em sala de aula. No que se

refere ao professor e aluno, podemos destacar que não basta ao professor conhecer o conteúdo e o processo do conhecimento. Além disso, é necessário o professor voltar-se para as reações emocionais e corporais do seu aluno. Estas reações podem dar pistas de como os alunos estão compreendendo o conteúdo: “um olhar diz muito.” Não estar atento a estes componentes pode traduzir-se em uma prática pedagógica semelhante à do “Professor Costa”. Aquele professor que, apesar de exímio conhecedor de sua disciplina, não conseguia fazer com que os alunos atingissem os objetivos traçados em seu plano. Por que ele não conseguia? Nem sabemos se o professor chamava-se Costa, aliás, nunca ninguém soube o nome dele. Os alunos chamavam-no assim porque, durante um ano letivo, a única coisa que viram do professor foram as suas costas.

É necessário destacar que o professor costa concebia o conteúdo como propriedade sua e que este deveria ser empurrado para dentro do cérebro do aluno, tal como ele pressupunha ser o correto. Esse professor não percebia o processo de produção do conteúdo e também não era capaz de compreender que sua própria capacidade de reflexão foi construída em anos de estudos e de amadurecimento teórico. O professor costa também não percebia que o jovem, ainda em fase de formação para a experiência profissional, necessita trilhar um caminho que vai do empírico para a abstração. Abstração esta que só se constrói como conhecimento se o jovem for capaz de construir significados e estabelecer relações entre as abstrações e a prática social. Somente depois desse processo é que o aluno consegue atingir a capacidade de pensar o conteúdo nas suas múltiplas determinações.

Na preocupação de que o aluno encontre sentido nas abstrações científicas, é necessário prepará-lo para também perceber que a sociedade, em seu processo de mudança, produz contradições. A sociedade, apesar de apresentar inovação técnica e tecnológica, não apenas se traduz em evolução e progresso. Ao contrário, no seu desenvolvimento também surgem problemas de ordens diversas (sociais, ambientais, geográficas, políticas etc.), os quais devem ser pensados na formação e na atuação do futuro profissional, sob o risco de apenas agravar-se o esgotamento social desta forma humana e do meio ambiente.

Desse modo, não basta falar, explicar apenas uma vez e se dar o tema por vencido. O que também não significa, a cada dia, ensinar uma parte do conteúdo sem agregá-la às partes anteriormente trabalhadas. Há que se situar o conteúdo na dimensão da totalidade. Ou seja, compreender os fundamentos da ciência específica e as relações sociais que os sustentam. Por outro lado, abordar a totalidade não desobriga o retorno às especificidades das partes. Reforçamos, é necessário estabelecer a relação entre as partes e o todo.

Não ser um professor costa significa também estar atento às perguntas formuladas pelo aluno. Perguntas aparentemente descabidas podem apontar a realidade cultural e os limites do conhecimento deste aluno. Tais perguntas não podem ser desqualificadas, muito menos

satirizadas, uma vez que podem expressar o estado real de conhecimento do aluno.

Entretanto, na relação de ensino, o conhecimento, abordado na interação professor e aluno, não pode ser circunscrito ao espaço da sala de aula. Ao contrário, o processo de ensino e aprendizagem deve remeter, dialeticamente, àquele conhecimento escolar em sua relação estreita e fundamental com a sociedade.

Para entender melhor esta afirmação, retornamos ao exemplo das construções nos grandes centros urbanos, em que muito de seus idealizadores e/ou construtoras não consideraram o escoamento da água e a alimentação do lençol d'água. Estas são características de profissionais que não pensam sua ação na contradição social. Eles apenas se interessam em colocar-se em evidência, o que não os diferencia de um grande número de jovens do *orkut*, que lança fotos suas para conhecimento público e impõe a sua comunidade virtual depoimentos sobre o seu eu. Depoimentos elogiosos, não se importando se existem reais vínculos de amizade entre os membros da referida comunidade. Aliás, o mesmo depoimento é distribuído para pessoas diferentes. Ou seja, cria-se um personagem virtual que se relaciona com outros personagens. Paradoxalmente, este mesmo jovem, ao se relacionar com personagens distantes, isola-se no seu ambiente virtual. Não somos contra o *orkut*, longe disso, o que estamos destacando é a forma superficial por meio da qual se tem construído as relações humanas. Na maioria dessas relações, o que vale é o exibicionismo e as palavras ditas sem sentido real. Trata-se de um verdadeiro narcisismo social, hoje muito em moda.

Os idealizadores das grandes lajes de cimento, o jovem limitado ao *orkut*, o garoto que dirige o carro em alta velocidade sem prestar atenção nas leis, a menina preocupada em exibir o celular última geração e a roupa da última moda, não são apenas o jovem real, mas são a expressão da contradição desta sociedade, a qual devemos problematizar. Ou seja, como professores e formadores precisamos indagar sobre o tipo de profissionais que queremos. O individualismo, o exibicionismo, o narcisismo, o consumismo exacerbado, leva o mundo e a vida a quê, enquanto organização social? De um modo ou outro, a resposta a esta pergunta está contemplada no plano de ensino, na medida em que ao elaborarmos os objetivos, estabelecermos a metodologia e definirmos critérios de avaliação estamos dizendo que profissional e homem desejamos formar para atuar na sociedade.

Conclusões:

Pensar as relações de produção e as relações sociais em uma totalidade é condição essencial na sociedade atual. Esta é uma afirmação que, em última instância, remete-nos ao texto da música dos Engenheiros do Hawaii "Muro e grades", quando este diz:

Nas grandes cidades, no pequeno dia-a-dia

O medo nos leva tudo, sobretudo a fantasia
Então erguemos muros que nos dão a garantia
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia
Nas grandes cidades de um país tão violento
Os muros e as grades nos protegem de quase tudo
Mas o quase tudo quase sempre é quase nada
E nada nos protege de uma vida sem sentido...

E acrescentamos, por mais que busquemos resolver nossos problemas pessoais e corramos atrás da solução, o contexto social é maior que nossas vontades. A solução individual é paliativa e muito limitada.

Não como solução, mas como recurso e possibilidade de formação para marcar a oposição a este dilema, acreditamos que o processo de ensino e aprendizagem não pode dispensar o cuidado com a complexidade de uma relação de ensino. Lembramos que a relação de ensino envolve a compreensão da relação professor, aluno, sociedade e conhecimento. Com esta lembrança queremos dizer que conhecimento não é informação; que conhecimento não se limita à especificidade do especialista. Dizendo de outro modo, podemos ter o sujeito especializado em uma área, mas este não pode ignorar o todo. Se em outras etapas de escolarização ao aluno foi negligenciado o conhecimento, se a sociedade se faz cada vez mais pelo individualismo, aparência e particularidade, no ensino superior, nós professores, no processo ensino e aprendizagem, não podemos mais deixar que o aluno se limite à definição de que “o açúcar é branco e doce”. Por que dizemos isso? Ao lermos o poema de Ferreira Gullar “O açúcar”, verificamos que o açúcar em seu processo de produção e circulação é negro e amargo.

O AÇÚCAR

O branco açúcar que adoçará meu café
Nesta manhã de Ipanema
Não foi produzido por mim
Nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
Vejo-o puro
E afável ao paladar
Como beijo de moça, água
Na pele, flor
Que se dissolve na boca. Mas este açúcar
Não foi feito por mim.
Este açúcar veio
Da mercearia da esquina e
Tampouco o fez o Oliveira,
Dono da mercearia.
Este açúcar veio
De uma usina de açúcar em Pernambuco
Ou no Estado do Rio
E tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
E veio dos canaviais extensos
Que não nascem por acaso
No regaço do vale.
Em lugares distantes,
Onde não há hospital,
Nem escola, homens que não sabem ler e morrem de fome
Aos 27 anos
Plantaram e colheram a cana
Que viraria açúcar.
Em usinas escuras, homens de vida amarga
E dura
Produziram este açúcar
Branco e puro
Com que adoço meu café esta manhã
Em Ipanema.

Referências:

- Bakhtin, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- Klein, Lígia R. *Alfabetização: quem tem medo de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1997.
- Smolka, M. L. B. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- Vigotsky, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.